

CANCIONEIRO POPULAR DE BARROSO

(VOLUME I)

Comentário, recolha e notas

de

José Dias Baptista

Edição da Câmara Municipal de Montalegre

Fotolitos e Impressão: SEARA PUBLICIDADE
de M^a da Conceição Barroso Fernandes Seara
Rua Direita, 34 - 5470-234 MONTALEGRE

Tiragem: 1.000 exemplares

Depósito legal n.º: 152 734/00

ISBN: 972-8012-25-X



BIBLIOTECA
municipal de Montalegre

Data 2000 07 19

Registo 14 961

0086469.202/B.P.

COMENTÁRIO

“Vai para quarenta anos que colijo, com paixão crescente, as cantigas populares barrosãs. Obtive-as nas mais solenes e nas mais humildes situações”...

“Tive eu, além disso, a sorte milagrosa de nascer nas mãos da tia Amélia, essa maravilhosa criatura que não conhecia uma letra do tamanho dum boi mas era senhora duma memória inflamadíssima que valia bem o conteúdo de mil livros (...) Foi uma benção cujos talentos me cumpre pôr a render.”

Foi isto que escrevi, há quatro anos, (quando apresentava um trabalhito do folclore barrosão que levou o título de *O que foi a Roma*) e lembro-o agora por duas razões. Primeiro, porque a gratidão, nos tempos que correm, é um dos valores mais esquecidos; depois, porque sem pessoas assim, com memória elefantina, sábias e santas, não seria possível legar aos vindouros essa riqueza imensa que é a própria alma barrosã.

Por isso, presto homenagem a muitos e muitos planaltinos que se deram gratuitamente ao sacrifício de passarem horas e horas a dizer “cantigas”, contos, lendas, lengalengas, provérbios, orações, etc. E lembro, sobretudo, aqueles que também fizeram recolhas e cederam os seus espólios a bem da nossa Gente e da nossa Terra. Lembro o Padre António Mourão e a sua recolha de muitas dúzias de rondilhas; lembro o Padre Domingos Barroso que, além de excelente escritor, caçador e poeta, foi também arguto polemista e recolheu muitas quadras do nosso cancionero que vão aí de braço dado com outras muitas.

Não vejo qualquer interesse em apontar as locandas onde se processaram as recolhas nem as pessoas que as transmitiram porque inúmeras vezes verifiquei que as recolhas repetiam mais de oitenta por cento das cantigas. Não vejo igualmente interesse em repetir exaustivamente as variantes da mesma cantiga. Na realidade essas

variantes nada traziam de novo nem no aspecto ideológico nem no aspecto formal. Este enormíssimo acervo de saberes é, e deve ser tido, como coisa comum, como património e memória nacional. Nacional, isto é, de cada país.

Quanto ao título da obra poderá parecer estultícia minha não lhe chamar subsídio para o Cancioneiro... Mas eu pergunto: ainda haverá alguém tão ingénuo que acredite num cancionero completo e acabado?

Por mais que cada um de nós faça, por mil vidas que se dediquem à recolha folclórica, por mil milhões de volumes cheios de material etnográfico... meus amigos, mesmo então ainda mal encetaríamos um cancionero!

E volto ao texto com que iniciei o comentário referindo-me às cantigas que aí vão.

“Ouvi milhares, recolhi muitas centenas. Quanto ao seu interesse literário, artístico e filosófico-cultural, apetece-me dizer: aposto dobrado contra singelo que a cantiga popular barrosã, na sua forma mais comum e generalizada de quatro versos de sete sílabas cada um – é a cantiga mais bela do mundo. Quer formal quer ideologicamente.

Desmintam-me com provas!”

José Dias Baptista

Ao amigo Zé Baptista

A Câmara Municipal de Montalegre ao decidir-se pela publicação do I volume do Cancioneiro Popular Barrosão comete um acto de justiça e de exaltação para com o povo anónimo que desbrava terras, apascenta o gado e se junta ao domingo no Cruzeiro da aldeia dançando ao toque da concertina.

Foi esse povo nobre e folgazão que ultrapassando as agruras de uma vida difícil teve tempo para amassar o pão, fiar a lã e cantar ao tear e poetizar ao serão. Tem assim sentido a verdade suprema que a expressão “grande poeta é o povo” encerra.

Recolher tão vasto e rico património -poesia popular- foi a nobre missão a que o notável prof^o. José Dias Baptista se entregou de vivalma.

Quem nunca se deixou enlevar pela profundidade filosófica das quadras ou “ditos” vindos da boca sensata um qualquer velhote sentado nas escaleiras duma casa?

Pois foi a paixão pelo saber popular e gosto inato pela pesquisa que fez o prof^o. José Dias Baptista a calcorrear as aldeias à procura do imenso espólio poético existente em cada uma das almas Barrosãs. Só depois vieram as anotações e a nobre tarefa de proceder a uma ordenação temática.

É pois o resultado desse imenso trabalho que agora começamos a dar à estampa.

Do I volume constam quadras de nomes, de cantigas, plantas, amor, de segada, santos, tópicos e soltas. O II volume privilegiará por inteiro as chamadas quadras de maldizer.

O maior historiador e profundo conhecedor das terras de Barroso dá assim mais um precioso contributo para a defesa e divulgação do património da nossa terra.

Como autarca estou-lhe grato e reconhecido pelo imenso capital cultural que lhe corre nas veias e que põe ao meu alcance e coloca à disposição do município.

E jamais posso esquecer a profícua colaboração com que sempre me distinguiu e o propósito expresso no primeiro encontro a seguir à minha tomada de posse “Conta comigo rapaz”.

Parabéns Zé.

“Ditosa terra que tais filhos tem”

Montalegre, 9 de Junho de 2000

O vereador do Pelouro da Cultura



Manuel Orlando Fernandes Alves

NOMES

Só eu tenho três Marias
todas três me dão bem pena;
quando chamo pla maior¹
responde-me a mais pequena.

Quem te pôs o nome Rosa
devia saber notar:
Rosa no céu e na terra,
Rosa de todo o lugar.

Eu ontem era Lucinda,
hoje já sou Lucindinha;
assim vou subir de posto
amanhã serei rainha.

Inda hoje não vi Ana²
nem ao jantar nem à ceia,
que é da minha rica Ana
que é da minha cara cheia?

O meu amor é um cravo
que se encosta à verde cana;
ele é cravo e eu sou rosa
ele é José e eu sou Ana.

¹ A síncope em pela (pla) é um expediente melódico e métrico; tal como em para (pra).

² A aférese em ainda (inda) é uma estratégia métrica. Vão aparecer muitas vezes e em vocábulos diferentes.

Mal o haja o padre cura³
que me pôs nome Joana;
bem me podia ter posto
Maria, Zabel ou Ana⁴.

Ó Ana três vezes Ana
ó Ana feita de cera;
quem fora brasa de lume
que o teu peito acendera!

Ó Rosa anda comigo,
deixa ficar a roseira;
esta noite vai chover,
Rosa molhada não cheira.

Ó Emília, ó Emília,
raminho de salsa branca;
tu inda andas no mundo
mas a alma já é santa.

Palmira, olaré, Palmira,
Palmira, olaré, Senhor;
eu bem vi a Palmirinha
agarrada ao seu amor.

³ Afora a epêntese do o (Mal o haja) a expressão é clássica e bom português.

⁴ Zabel, e mesmo Jabel, é aférese comum em Barroso.

Manuel é arca d'ouro
sem fechadura nem chave,
por fora é bonitinho,
por dentro ninguém o sabe.

Toda a vida desejei
ter um amor Manuel;
agora tenho-o na mão,
caiu a sopa no mel.

Antoninho é pé de cabra
Manuel é de virtude;
andam por terras alheias
Nossa Senhora os ajude.

O diabo leve os homens,
enfiados num cordão;
seja o primeiro José,
seja o segundo João.

Todos os Josés são vários⁵,
Franciscos extravagantes,
Antoninho, rei dos homens,
Manuel, rei dos amantes.

⁵ Este adjectivo significa, em Barroso, baila na criva, brincalhão, maluquinho, e também o passarinheiro da página seguinte.

Francisquinho abre a boca
que te quero ver os dentes;
os meus olhos nunca viram
pérolas tão incelentes⁶.

Não quero amor João
que é muito passarinheiro,
trabalha toda a semana,
domingo não tem dinheiro.

O meu amor é Domingos,
Dominguinhos se lhe chama;
não é quem o mundo pensa,
o mundo também se engana.

Diabo leve as mulheres,
enfiadas numa linha;
a primeira seja Ana,
a segunda Joaquina.

Joaninhas e Marias,
Joaquinas e Teresas;
sonhai, sonhai alegrias
porque eu sonharei tristezas.

⁶ Forma que o povo aplica por excelentes.

MARIA

Maria vem á janela
ou então vem á varanda;
vem só ver se o teu amor
é algum dos que aqui anda.

Ó Maria , tola – douda,
olha o que foste fazer:
mataste-lo inocente⁷
sem te a morte merecer.

Alto pinheiro redondo
no meio tem uma guia;
se o ouro é desengano,
desengana-me, Maria.

O teu cabelo, Maria,
são fios de oiro em cordão;
roubados de alguma fada
em noite de São João.

Maria, tens olhos belos,
são a minha perdição;
quem me dera esquecê-los
mas tenho-os no coração.

⁷ A prótese do l, em construções semelhantes, é corrente na região.

Não há olhos que me agradem
como são os teus, Maria,
que os tenho bem retratados
na casca da melancia.

Maria da Piedade
que piedade é a tua?
Tu mataste o teu marido,
botaste-o de noite á rua.

Maria, minha Maria,
lindo nome Deus te deu;
quando Deus te não deixou
como te hei-de deixar eu?

Mariquinhas foi á fonte,
muito tarda que não vem⁸;
ou quebrou a cantarinha
ou namora com alguém.

Maria, linda Maria,
lindo espelho de vestir ,
quem contigo toma amores
vai ao céu e torna a vir.

⁸ Que copulativo, bastante encontrável.

Maria, tu és na terra
o que os anjos no céu são;
se tu morresses, Maria,
morria o meu coração.

Se onde se mata um homem
pôr uma cruz é preceito,
tu deves ter, ó Maria,
um cemitério no peito.

Maria, teu lindo nome,
quem to deu, quem to daria?
Baptizou-te a madrugada,
padrinhos: a luz do dia.

Maria, teu lindo nome,
é pra boca sequiosa;
foi-se mudando um pouquinho
e ficou sabendo a rosa.

Tirei a pena ao pavão
mais o bico `a cotovia;
pra escrever no meu peito
só o teu nome, Maria.

Maria, minha Maria,
meu pucarinho da tenda;
s'algueém te quiser falar
diz-lhe qu'estás d'encomenda.

Maria, minha Maria,
negra vida te hei-de dar;
nem hei-de casar contigo,
nem te hei-de deixar casar.

Maria, minha Maria,
Maria, meu "ai Jesus";
nos dias que te não vejo
nem a candeia dá luz!

Maria, minha Maria,
meu rosário sem cordão;
tu és o meu oratório
onde eu faço oração.

Maria, minha Maria,
olhos de cão enraivado;
se me não disseres nada
fico pra sempre enjoado.

JOSÉ

O meu amor é José
que é a letra mais seguida;
foi o meu primeiro amor
que fica na minha vida.

Ó José, ó cara linda,
não saias de noite á rua;
o luar inda não viu
cara linda com`a tua.

José amo, José quero,
José trago no sentido;
por causa de ti José
trago o meu sono perdido.

Fui-me confessar ao bispo
e deu-me o Senhor na sé,
mas deu-me de penitência
de não falar com José.

Não há machado que corte
a raiz ao verde pé;
não há olhos que me agradem
como são os do José.

Todos os Josés são santos
só o meu é pecador!
só eu caí na desgraça
do José ser meu amor.

Ò José, ó Josézinho,
quem te deu a rapariga?
Roubei-a ontem á noite
com risco da minha vida.

O meu amor é José
José eu lhe hei-de chamar;
por causa de ti José,
pai e mãe hei-de deixar.

José quando vai á missa
no caminho faz um S;
a erva que José pisa
se está seca, reverdece.

Não quero amor Manel
nem Francisco nem João;
só quero um amor José
que é leal ao coração.

A penitência é grande
e não a posso cumprir;
hei-de falar com José
adonde quer que o vir.

Eu tenho um amor José,
antes tinha o Joaquim
que o trago retratado
nas folhas do alecrim.

Antoninho me prendeu
José me deu a prisão
Antoninho da minha alma,
José do meu coração.

Ò José, nome de jóia,
o teu nome jóia é;
quando me falares em jóia
logo me lembra o José.

Ó José, ó cara linda,
eu quisera-te falar;
a vergonha me retira
e o amor me faz chegar.

ANTÓNIO

António lindo António,
António lindo por certo;
tu és o mais lindo cravo
que o craveiro tem aberto.

António, lindo António,
lindo modo é o teu;
o teu modo bem me agrada
assim te agradara o meu.

Não quero amor António
que é muito saltarinheiro;
anda de galho em galho,
como o pardal em Janeiro.

Antoninho, cravo roxo,
cara de leite coado;
foste-te gabar ao couto
que me tinhas dado um cravo.

António, lindo António,
António, lindo rapaz;
tens os olhos fagueirinhos
não sei se me enganarás.

António foi o primeiro
que no meu peito entrou;
há-de ser o derradeiro
juro-o à fé de quem sou.

Se o meu amor fora António
mandara-o envidraçar;
inda há pouco o conheci
e mal lhe posso falar.

O meu amor é António
sobrenome não no sei;
inda há pouco que o amo
inda não lho procurei.

O meu amor é António
inda agora aqui passou;
por causa da vizinhança
nem o chapéu me tirou.

Ò António, ó António
o António, ó ladrão,
caíste da ponte abaixo
c'uma pistola na mão.

O meu amor é António
mora na caixa de cheiro;
quem quiser amar António
há-de andar de pé ligeiro.

Ó António, ó António,
ó António, ó vadio,
caíste da ponte abaixo
foste beber água ao rio.

Toda a vida desejei
do António o amorinho;
tenho-o agora na mão,
caiu-m' a sopa no vinho.

O meu amor é António
mudei-o para João;
também o vento se muda
do norte para suão.

Antoninho, cravo roxo
posto na mesa do rei;
põe em mim o teu sentido,
que eu de ti nunca o tirei.

PLANTAS

A larica é má erva
que s'abraça no centeio;
enleava-me contigo
se não fora o arreceio⁹.

O cardo é o que pica
mas é o da folha estreita;
lograr-te queria eu
que ver-te não m'aproveita.

O amor é como o fento¹⁰
que nasce na terra brava;
começa com fortaleza
e chega ao fim feito nada.

Se eu tivesse a liberdade
que o cravo vermelho tem
entrava nesse teu peito
sem licença de ninguém.

O cravo á beira do tanque
bota a raiz pelo lodo;
também eu já as botei
pelo teu coração todo.

⁹ Por receio; prótese corrente.

¹⁰ Forma popular de feto.

Fui á fonte dos suspiros
tornei pela dos cuidados:
enchi o cântaro de rosas,
e a rodilha foi de cravos.

Assubi-me ao castanheiro
E cortei uma bragasta¹¹;
ao amor bem entendido
só um acaso lhe basta.

O alecrim desta terra
não é bem como o da minha;
este tem a folha larga
e o meu tem-na miudinha.¹²

Não há lírio como o roxo
nem erva como a ortiga:
eu gosto de te encontrar
inda que nada te diga.

Pela minha rua acima
não achei senão ortigas;
vou abaixo ao Cruzeiro...
quanto valem raparigas!

¹¹ Por vergasta.

¹² Nasalação muito usual em Barroso. Também na página 102 e 112.

À entrada desta rua
logo na porta primeira
hei-de colher uma rosa
sem pôr a mão na roseira.

Alecrim foste ditoso
nascer ao pé do caminho;
quantos por ali passarem
todos cortam seu raminho.

Adeus carreiro da fonte
silvas não hás-de criar:
por amor duma menina
alguém as há-de cortar.

Cravo roxo à janela
é sinal de casamento;
menina recolha o cravo,
pra casar tem muito tempo.

Cuidavas tu, por me rir,
que já me tinhas na mão:
eu não sou como as amoras
que se apanham pelo chão.

Ó salgueirinho da corga,
por que razão não dás fruto?
Veio o ano muito seco,
ficar verde já foi muito¹³.

A salsa é mum procurada¹⁴
pelo préstimo que tem;
não se livra de desgraças
quem algum dia quis bem.

Minha maçã vermelhinha
onde deixaste-lo cheiro?¹⁵
Na beira da tua cama,
nas rendas do travesseiro.

Ó mulher ata o cabelo
qu'atado fica-te bem;
se não tens fitas pra ele,
o carvalho vergas tem.

Toda a hedra sobe, sobe,¹⁵
o alecrim vai descendo;
se algum dia era teu
agora já te não lembro.

¹³ Personalização de grande beleza.

¹⁴ Mum, por mui ou muito.

¹⁵ Em vez de hera, planta trepadeira.

¹⁶ Outra personalização de muita qualidade.

Cala-te que eu t'acharei
no corredor do "haver";
essa cor de cereijinha
eu ta fizera perder.

Tendes um cravo na boca
uma rosa na cintura;
tendes os braços abertos
para minha sepultura.

A maçã que tu me deste
nem a comi nem a dei;
guardei-a pra memória
do tempo em que t'amei

Trago terra n'algibeira
para dispor mangerona¹⁷
menina se tem calor
venha pôr-se à minha sombra.

Entre pedras e pedrinhas
está um raminho de salsa;
ama a feia e mais firme,
deixa a bonita que é falsa.

¹⁷ Significa plantar.

Ó minha rosa vermelha
que colhi às três da tarde;
quem não guarda seus segredos
como quer qu'outro lhos guarde?

Os cravos da minha horta
cada dia são contados;
morreu-me o Paulo e o Pedro
já tenho menos dois cravos.

A pêra que está na p'reira
de madura está caindo;
hei-de lograr teu amor
inda que seja dormindo.

Esta pena com que escrevo
cortei-a do sabugueiro;
quem tem seu amor ausente
tem pena, não tem tinteiro.

A folha do castanheiro
enquanto verde não cai;
aproveita-te, menina,
do teu amor que se vai.

Ó minha rosa vermelha
que colhi às três da tarde;
quem não guarda seus segredos
como quer qu'outro lhos guarde?

Os cravos da minha horta
cada dia são contados;
morreu-me o Paulo e o Pedro
já tenho menos dois cravos.

A pêra que está na p'reira
de madura está caindo;
hei-de lograr teu amor
inda que seja dormindo.

Esta pena com que escrevo
cortei-a do sabugueiro;
quem tem seu amor ausente
tem pena, não tem tinteiro.

A folha do castanheiro
enquanto verde não cai;
aproveita-te, menina,
do teu amor que se vai.

Quem me dera ser o linho
que vós na roca fiais;
quem me dera tanto beijo
como vós no fio dais.

A maçã da macieira
só cai sempre a mais madura;
é como a moça solteira
sempre cai a mais segura.

Lá te mandei um raminho
de quantas flores achei,
menos a flor da saudade
que no meu peito deixei.

As rosas que estão na água
vão abrindo, vão cheirando;
assim estás tu, meu amor
quando por mim vais passando.

A madressilva cheirosa
perto do rio humedece;
quem outros amores toma
dobradas penas padece.

Açucena c' o pé na água
pode estar quarenta dias;
eu, sem ti, nem uma hora;
tu, sem mim, anos e dias.

O amieiro do rio
deixa passar os peixinhos.
Quem namora quer casar,
quer abraços e beijinhos.

Onte á noite correu vento¹⁸
e caiu a folha ao cravo;
não me importa de ter fama
com rapaz do meu agrado.

Açucena c' o pé na água
dá combates ao jasmim;
se eu lograr os teus amores
também me rira de ti.

O meu amor é um cravo
qu' eu bem no soube escolher.
Nesta terra não há outro,
só se vier a nascer .

¹⁸ Forma popular de ontem.

A silveira é pegadiça,
pega no pé e na ponta;
fala tu com quiseses
e faz sempre de mim conta.

Rosa que estás na roseira
deixa-te estar em botão;
aberta logo te esfolhas,
fechada sempre tens mão.

C'uma silva me prendeste
C'o fruto m'enfeitiçaste;
botaste-me os laços todos,
até que m'embaraçaste.

Fui-me deitar no lameiro
para ver nadar o sol;
ai Jesus que venho tolo
do cantar do rouxinol...

Atiraste-me c'um cravo
C'uma folha me feriste;
viste-me correr ao longe
nem por isso m'acudiste.

Mandei fazer um relógio
da folhinha do poêjo,
para contar os minutos
das horas que te não vejo.

Deste-me uma pêra verde
que havia de amadurar;
o que é verde, sempre é verde,
não me venhas enganar.

Eu fui ao monte à carqueja
pus o pé no verde tojo;
estas meninas de agora,
de pintadas metem nojo!

Se os beijos espigassem
como espiga o alecrim
muita menina trazia
nos seus lábios um jardim.

No alto daquela serra
está um carvalho grosso;
de toda a gente me aparto
só de ti, meu bem, não posso.

Deste-me alecrim de prenda
por ter a folha miúda;
querias experimentar-me:
amor firme não se muda!

O amieiro do rio
dá-lhe o vento, balanceia;
o amor qu'há-de ser meu,
à minha porta passeia.

Linda árvore é o choupo
que dá flor e não dó fruto
eu tenho ouvido dizer:
- quem ama padece muito!

Não me deixes, não me deixes
que eu inda te não deixei;
a folha do olmo vira
e eu inda me não virei.

Nunca vi carvalho torto
dar a madeira direita;
nunca vi homem casado
trazer a barba bem feita.

Dei um nó na giesta branca
fiz a minha diligência;
amar-te e casar com outra
é falta de consciência!

Ò flor de giesta branca
comigo não percas tempo
que outros castelos mais altos
andam no meu pensamento.

Ó hedra do salgueirinho
quem te deu tanto enleio?
Todos dizem que m'és falsa
e eu também assim creio.

Ó acipreste dos vales,
abrigo dos passarinhos;
quando deixar de te amar
as aves farão os ninhos.

A silva que me prendeu
saiu daquela janela;
não me prendeste tu, silva,
prendeu-me quem estava nela.

O meu amor vem aí
qu'eu p'lo andar o conheço;
tem-no andar miudinho
com'a folha do codesso.

Tenho um colete de linho
feito de trás das paredes;
Quem escuta sempre ouvirá
falar de si muitas vezes.

Deste-me um ramo d'arruda
fizeste de mim diabo;
quisera Deus que eu o fosse
que te trazia tentado.

O alecrim é cuidado
e eu em ti sempre cuidei;
achei-te do meu agrado
por isso te não deixei.

O pobre do malmequer
que não faz mal a ninguém
todos o vão desfolhar
pra ver a sina que tem.

Se quiseres vir comigo
Traz a roupa no braçado...
eu quero que o mundo diga:
Vai a rosa atrás do cravo.

A giesta fez-se branca
em dar a flor amarela;
mais branca se faz a rosa
se o cravo se chega a ela.

Loureiro verde loureiro
seca seja a tua fama:
difamaram-me contigo,
e eu não vi a tua cama.

Atiraste-me co'o cravo
que no ar se desfolhou;
veio-me cair ao peito
no meu coração ficou.

A água do nosso rio
corre por baixo da ponte;
quem quiser o cravo doido
ponha-la rosa de frente!¹⁹

¹⁹ Por ponha-lha; de uso corrente. De igual feição é o pula-lhe da página 40.

O trevo diz que se atreve
a prender quem 'stá ausente;
sem ser trevo, me atrevi
a prender-te para sempre.

As voltas que o linho leva
antes de ir à tecedeira...
Eu inda dava mais voltas
pra ficar à tua beira.

Vou-te mandar um raminho
de cravos e cravelinas,
por te não poder mandar
dos meus olhos as meninas.

Na casca de um tronco seco
o teu nome escrevi eu:
o meu amor é tão forte
que o tronco reverdeceu.

Já não tenho coração
que mo tiraram do peito:
do lado que mo tiraram
nasceu um amor-perfeito.

De vermelho veste o cravo,
de verde o manjeriçõ,
de branco veste a açucena,
de luto o meu coraçõ.

Lindo, lindo é o choupo
que dá flor e não dá fruto.
Eu tenho ouvido dizer:
quem ama padece muito.

Florinha da malva é roxa
mas de roxa é denegrída;
mal entrei nesse teu peito
não tornei a ver saída.

Nem o cravo nem a rosa,
nem o altar florido,
nem a Primavera toda,
tem comparança contigo²⁰.

Vou cortar o amieiro
e atravessá-lo no rio;
pra voltar á minha terra
não preciso de navio.

²⁰ Forma popular usada por comparação.

O alecrim é ditoso
que nasce pelo caminho;
quantos passam ao pé dele
todos tiram seu raminho.

Coitadinha da rabaça
e do seu primo agrião:
moram sempre na frescura
não sabem quando é Verão.

Quem tem ramadas tem uvas
quem tem uvas tem que dar;
quem tem carneiros tem lã
quem tem lã tem que cardar.

O alecrim é desterro,
desterro ao pé da murta;
bem desterrado ando eu,
meu amor, por tua culpa.

Eu ontem fui ao moinho
com três quartos de centeio
beije a filha ao moleiro
logo trouxe alqueire e meio.

Eu subi ao castanheiro
a colher uma castanha;
tu dizes que não me amas –
ó que mentira tamanha!

O trevo diz que se atreve
a separar corações:
não há-de apartar os nossos
que estão presos com grillhões.

A salsa vende-se aos molhos
o alecrim às mãos cheias;
tanto custaram a Deus
as bonitas como as feias.

No tronco do videiro
o meu nome escrito deixo:
se eu morrer duma paixão
de ti só é que me queixo.

Semei salsa num vaso
cresceu-me pelas paredes;
quem escuta de si ouve,
assim me acontece às vezes.

Não há pau como o carvalho
enquanto não apodrece;
nem amor como o primeiro
enquanto não aborrece.

O vinho é coisa fina
que nasce da cepa torta:
a uns faz perder o tino
a outros errar a porta.

O ciúme é linda flor
mas anda mal estimada:
onde o ciúme não entra
o amor não vale nada.

Quem disser que o verde é feio
hei-de-lhe dizer que mente;
não há cravo, não há rosa,
aonde o verde não entre.

A hortelã verde-louca
colhida de madrugada
para a dor de cotovelo
é medicina aprovada.

À porta do meu amor
'stá uma silva amarela;
todos passam, ficam soltos,
mas eu fiquei preso nela.

Devagar se vai ao longe,
bem tolo é quem se mata;
uma noite traz um dia,
não há coisa mais barata.

O cravo subiu ao céu,
caiu ao chão, ficou coxo;
e a rosa com sentimento
vestiu-se toda de roxo.

Água que nasce da terra
vai regar a segurelha,
nem eu sou da tua igualha
nem sou a tua parelha.

Vou-me lá que tenho pressa,
vou regar o meu linhar;
amanhã é dia santo
temos tempo de falar.

O cravo tem vinte folhas
e a rosa tem dezanove;
anda o cravo em demanda
por a rosa ser mais pobre.

Rosa branca, toma cor,
não fiques tão desmaiada;
mais vale seres morena,
tornas-te mais engraçada.

Coitadinha da rabaça
que está sempre na friura;
coitado de quem nasceu
no mundo sem ter ventura.

O cravo, depois de seco,
depois de seco, mirrado,
foi-se queixar ao patrão
que o não tinham regado.

Ó acipreste do adro
não assombres a igreja;
bem assombradinho anda
quem não logra o que deseja.

Assubi ao freixo alto
ás voltinhas vim descendo:
não se me dá que me deixes
que eu de ti nada pretendo.

Minha amora madurinha
quem foi que te amadurou?
Foi o sol e a geada
e o calor que t'apanhou.

Semei na minha horta,
o brio das raparigas;
nasceu-me uma rosa branca
cercada de margaridas.

Castanheiros dais castanhas
que eu bem vos vi as candeias;
rapazes ao pé das moças
pula-lo sangue nas veias.²¹

Debaixo da trovisqueira
vai a perdiz a cantar;
menina., se vais ser minha
não estejas a demorar!

²¹ Por pula-lho; de uso corrente.

Senta-te aqui, meu amor,
senta-te aqui a meu lado,
no meu escaninho novo
feito de pau de carvalho.

Quando o sobreiro der baga
e a cortiça for ao fundo
só então hão-de acabar
as más línguas deste mundo.

Não olhes pra mim, não olhes,
pucareiro abanado;²²
sempre gostei de trazer
meio mundo enganado.

Não olhes pra mim, não olhes,
que eu não sou o teu amor;
eu não sou como a figueira
que dá fruto sem dar flor!

Quando o sol deixa de dar
na c'roa do alto freixo;
então é que eu te direi
a razão por que te deixo.

²² É pucareiro que o povo chama à pereira brava.

À sargacinha do monte
devo bem obrigações,
qu'encobriu os meus segredos²³
em certas ocasiões.

Quem diremos nós que viva
na folhinha do serpão?
Viva a gente desta casa
porque tem bom coração.

O amor é como o fento
que nasce na outonada;
enquanto 'stá verde é muito
ao depois de seco é nada.

Não me afaço na montanha
entre o tojo e a carqueja;
vou dar mão ao meu amor
lá no arco da igreja.

Oh que lindo luar 'stá
para colher a marsela!
Colheremo-la nós dois²⁴
e faremos cama nela.

²³ Alusão confirmada à medicina popular de algumas plantas.

²⁴ Formação popular do futuro; por colhê-la-emos.

O meu amor ontem á noite
fê-la cama na roseira;
inda l'hei-de perguntar
se a cama de rosas cheira.

Ó malmequer feiticeiro,
que o segredo adivinhais;
dizei-me se o meu amor
tem outra a quem queira mais!

Semei na minha horta
salsa verde peneirada,
para ver se me nasciam
os amores que desejava.

Milho alto, milho-rei
quem foi que te trouxe à terra?
Por causa do milho-rei
eu te namorei, donzela!

Bem-me-quer e mal-me-quer
eu tenho no meu jardim;
o bem-me-quer vai-se embora
o mal-me-quer não tem fim.

Com o chá de erva-cidreira
e também arruda em pó,
nunca o diabo fez farinha²⁵
em casa da minha avó.

Erva-cidreira do lento
bota um cheiro que recende;
esse teu olhar, menina,
é cadeia que me prende.

Erva-cidreira do monte
nasce ao pé de qualquer pedra;
moça bonita e sem fama
é novidade na terra.

O trevo de quatro folhas
quem no topa tem fortuna:
apesar de o ter topado
inda não tive nenhuma.

Os suspiros são flores,
assim no diz minha mãe:²⁶
não há 'mor como o primeiro
enquanto outro não vem.

²⁵ Mais uma referência nítida aos poderes míticos da medicina popular pelo uso das plantas.

²⁶ A nasalação progressiva em assim(n)o é de uso normal no Barroso. O mesmo na página 89 e 96.

Ó que lindo luar 'stá
para ir colher maçãs,
á rua da formosura
onde 'stão as três irmãs.

Que louvado seja Deus,
porque o cuco é tendeiro;
onde foi ele pôr a tenda,
na ponta do amieiro!

Quem tem o olmo à porta
da janela ripa a folha;
quem tem o amor de frente
pra outro lado não olha.

No alto daquela serra
ondê a água sobe e desce;
nem a água tem descanso
nem ferranha reverdesce.²⁷

Os cantadores d' agora
cuidam que são e não são;
são com' o ouriço chocho
dá-lhe o vento, cai ao chão.

²⁷ Por ferrã. É o centeio verde e jovem.

A silva é prendediça
que prende pelas paredes;
também vós, minha menina,
me prendeis quando me vedes.

A silva é prendediça
que prende pelos caminhos;
também tu, minha menina,
me prendes com teus carinhos.

A silva é prendediça
que se prende pela roupa;
também eu te prenderia
que a vontade não é pouca.

Eu plantei a silva verde
a cercar uma cortinha;²⁸
hei-de cercar-te em meus braços
quando puderes ser minha.

Numa qualquer lameirita
nasce uma flor amarela;
vale mais o amor de fora
que duas dúzias da terra!

²⁸ Significa horta.

Semei na minha horta
semente de pimentão;
também ando a semear
o amor no teu coração.

Olha a maçã vermelhinha
criada no ramo alto;
eu lá por ser rapaz novo
ao que prometo não falto.

A salsa de além do rio
grande conselho me deu:
que não tivesse amor firme
sem o sujeito ser meu.

Menina não dê por certa
a sorte que se anuncia;
só depois de estar aberta
se conhece a melancia.

Quem quiser a salsa verde
vá por ela a um ribeiro;
quem quiser o amor firme
vá dormir com ele primeiro.

A castanha no ouriço
está muito guardadinha;
assim andas, meu amor,
no meu peito fechadinha.

A perdiz na restolhada
o perdigão no lameiro;
a perdiz anda a dizer:
anda cá, meu companheiro.

Indo eu pela rua acima
não achei senão urtigas;
fui ao largo do Cruzeiro,
aí que lindas raparigas

A erva nasce no monte
para o carneiro comer;
eu também nasci no mundo
para por ti padecer.

Fiz a cama na figueira
o travesseiro num figo;
o meu dormir é velar,
o meu velar é contigo.

CANTIGAS DE AMOR

Eu hei-de te amar, amar,
quer tu queiras quer não queiras,
que eu tenho da minha banda
dezoito mil feiticeiras.

Quatro coisas é preciso
para saber namorar;
a firmeza e pé ligeiro,
prometer e não faltar.

Antes que sejas de longe
com grandes serras ao meio,
amo-te com lealdade
e vivo sem arreceio.

Além, além no Barroso,
não tarda que te vá ver;
e queira Deus que lá tenha
lacinhos pra me prender!

Já fui amante de prendas
perdi-me de liberal;
agora não sou amante
porque não tenho que dar.

Menina vem ter comigo
a roupa deixa-a ficar,
que se vivermos os dois
roupa não te há-de faltar.

Meu pai cuida que me tem
debaixo do pé direito,
cuida que eu estou na cama;
sabe Deus quando me deito.

Jurei ao céu e á terra
de ser tua até morrer:
faz tu também juramento
de a ninguém mais pertencer.

A mãe dele quer-me mal
por lhe namorar o filho;
se não quer que lho namore
traga-o á cinta consigo!

Mal o haja a tua casa
que nem um retiro tem;
quero-te falar, não posso
por causa da tua mãe.

Eu não sei quem me ensinou
a amar-te tão firmemente;
ainda que queira deixar-te
o meu amor não consente.

Só tu, meu amor, só tu,
só tu tens a liberdade
d'entrar dentro do meu peito
sem fechadura nem chave.

Se te amo tenho guerra
se te deixo tenho dor;
antes amar-te e ter guerra
que deixar-te com amor.

Tens as sobrancelhas altas
que parecem duas pontes;
se te não lograr, menina,
hei-de-me ir por esses montes.

Se eu fosse rico e tu pobre
ou fidalgo e tu ninguém,
nem isso era o bastante
pra deixar de te q'rer bem.

Ó meu amor vai e vem
à vinda vem por aqui;
se formos a juramento
eu juro que te não vi.

Não sei que praga te rogue
para m'eu vingar de ti;
permita Deus que te logre
e tu me logres a mim.

Dá-me uma pinguinha d'água
não m'a dês pela panela;
dá-me pela tua boca
qu'eu não tenho nojo dela.

Ó meu amor vai e vem,
à vinda vem por aqui;
uma fala dá-se a todos,
lealdade é só a ti.

Ó meu amor vem-me ver
que o caminho já tem erva;
tantas vezes me vens ver
até que um dia me levas.

Estou rouca, 'stou rouquinha
não é catarro nem tosse;
é o ladrão do meu amor
que de mim já tomou posse.

Coitadinho de quem tem
o seu amor em segredo;
passa por ele na rua
não lhe fala que tem medo.

Não te rias de quem chora
é coisa que Deus ordena;
pode a roda desandar
e penares da mesma pena.

Eu se me vou e te levo
levo a morte comigo;
eu, se me vou e te deixo
atrás me fica o sentido.

Moça não mostres o peito
à maior amiga tua;
aquela amiga tem outra
logo se sabe na rua.

O meu amor é um anjo
deu-mo Deus, não no mereço:
já mo quiseram comprar...
anjos do céu não têm preço.

Ó meu amor se te fores
léva-me, podendo ser,
que eu quero ir acabar
onde tu fores morrer.

Minha mãe chama por mim
do penedo da Portela:
valha-me Deus, minha mãe,
cuida que o vento me leva.

Água sobe, rio cresce,
barquinho não dê à costa!
Não tomes outros amores
até segunda resposta.

Nem na terra há dois mundos,
nem no céu há dois senhores,
nem há coração que guarde
lealdade a dois amores.

Eu prendi o sol à lua
prendi a lua ao luar;
o meu coração ao teu
para não mais se apartar.

Esta rua é comprida
mas eu hei-de a passear,
por amor duma menina
que teima em não me falar.

O anel que tu me deste
ao domingo, nas trindades,
era-me largo no dedo
apertado nas vontades.

Se te vejo chorar, choro,
ponho-me a chorar também;
nunca descansa na vida
quem muitos amores tem.

Lágrimas ao pôr da mesa
suspiros ao levantar;
não pode o meu coração
tais suspiros abrandar.

O meu colete de linho
tem o trespasse pequeno;
Se tu és meu bonequinho
eu serei o teu segredo.

A giesta é lembrança,
amor, lembra-te de mim,
não tomes outros amores
enquanto eu não lhe der fim.

Tanto chorei esta noite
que apaguei o pó da rua;
quem por amores tem pena
não tem vergonha nenhuma.

Pelas onze horas da noite
meu amor, está de vigia,
que eu hei-de passar tangendo,²⁹
falar não é cortesia.

Menina que andas na horta
a regar o cebolinho,
rega também o craveiro;
que cresça, que é pequenino.

²⁹ Tangendo significa tocar instrumento de corda.

Nunca vi ponte sem rio,
nem montes sem arvoredo,
nem caminho sem atalho,
nem formosa sem seu erro.

Á entrada desta rua
mandei acender três velas,
por amor duma menina
que lhe quero bem de veras.

Se Deus me levar a Braga
hei-de jurá-lo aqui,
que dormi na tua cama
despido como nasci.

No meio daquela serra
é a minha sepultura;
tem um letreiro que diz:
quem ama não tem ventura.

Hei-de lavar o meu peito
hei-de-o mandar lavar;
para semear desejos
que tenho de te falar.

O amor é uma albarda
que se põe a quem quer bem;
para não ser albardado
não quero bem a ninguém.

Dominguinhas, Dominguinhas,
és amiga e camarada,
por ti perco minha vida
na pontinha duma espada.

Muito se querem dois primos
visto que o sangue os obriga;
mais se querem dois amantes
e haja quem me contradiga.

Compadece-te de mim
olha que durmo na rua;
por amor duma menina
passo noites de amargura.

Abrid' o meu coração³⁰
com uma chave de vidro;
e dentro dele achareis
o amor com que vos sirvo.

³⁰ Imperativo de abrir que o povo pronuncia: abride!

Hei-de-me vestir de preto
do mais preto que eu achar,
que me chegou a notícia
de que me q'rias deixar.

Aqui estou a teu respeito
para tudo o que quiseres;
fugirei às tuas falas,
bofetadas se mas deres.

Daqui, donde estou bem vejo
a quem eu tanto venero;
dá-me abraços e beijinhos
e tudo aquilo que eu quero.

Daqui donde estou bem vejo
a quem desejo falar;
o medo me faz sofrer
e o amor me faz voltar.

Todo o amor que te tenho
mai-lo amor qu'hei-de ter³¹
cabe na folha do tojo
e mais não na há-de encher.

³¹ Mais uma forma popular corrente: mai-lo por mais o.

Menina se tendes pena
comunicai-a comigo
que a pena comunicada
serve até de grande alívio.

Já me vou, já me vou indo
lançando gritos ao vento;
já não há quem por mim chore
neste meu apartamento.

Quem tem o amor ausente
com disfarce se anda rindo;
sabe Deus seu coração
as penas que anda sentindo.

Todo o amor que eu te tinha
nasceu-me do coração:
ai de mim que já não posso
negar a minha afeição.

Algum dia no meu tempo,
fui lavrador alguns anos;
semeava os teus afectos,
colhia falsos enganos.

Ó meu amor se te fores
embarca pelo seguro!
Olha que o rio vai grande
leva penedos e tudo.

Chamaste-me bexigosa,
não m'importo, são sinais;
nunca vi céu sem estrelas
nem altar sem castiçais.

Chamaste-me moreninha
moreninha e carinhosa;
bem morena é a pimenta
e ao comer é saborosa.

Chamaste-me trigueirinha
eu bem sei que sou morena;
a minha cor deu-me Deus
a tua veio d'encomenda.

Tua boca é tão pequena
qu'eu até ando a pensar
como é que vão lá caber
os beijos que te vou dar!

Pelo céu vai uma nuvem
por baixo luzes de prata;
a culpa tenho-a eu
querer bem a quem me mata.

Vós que estais nessa janela
dentro de grades de ferro;
oh, quem me dera ser livre
para ir onde eu quero.

Menina se tendes pena
comunicai-a comigo
que a pena comunicada
serve até de grande alívio.

Tendes a boca pequena
fechada com dois corais;
em vos ver falar a outro
são facadas que me dais.

Alfinetes são amores,
prometi de nunca os ter;
acho cousa de mau gosto
de me picar 'té morrer

Tu cuidavas por me rir
que já me tinhas na mão;
eu rio e zombo contigo
no cabo digo que não.

Algum dia por te ver
dava mil saltos ao vento;
agora nem por dinheiro
entras no meu pensamento.

Não me rendas mais carinhos
olha que tos não aceito;
enquanto o mundo for mundo
não entrarás no meu peito.

Se eu não fora variado
fizeras caso de mim
e alcançara por discreto
o que por néscio perdi.

Trazeis colete vermelho
ao redor do coração;
sois a nora de meu pai
sois a minha perdição.

Chamaste-me trigueirinha
Sou trigueirinha de nação
Sou trigueirinha do rosto
alegre do coração.

Anda daí, meu amor,
já que outra vida não temos;
anda a morte pelo mundo
cedo nos apartaremos.

Se souberes que morri
não tenhas pena meu bem;
a morte dum desgraçado
não causa pena a ninguém.

Não te rias de quem sofre
porque é mal que Deus ordena
pode a roda desandar
e sofreres a mesma pena.

Se o meu amor fosses tu
mandava-te envidraçar
numa garrafa de vidro
para o sol te não crestar.

Quem me dera agora ver
quem tenho no pensamento:
amorzinho da minha alma
que não vejo há tanto tempo.

Ai Jesus, valha-me Deus,
não sei que céu hei-de ter;
valha-me o céu dos teus braços
que neles quero morrer.

Quando vou à nossa igreja
ajôlho-me ao pé dos bancos;³²
A pensar no meu amor
nem rezo nadinha aos santos.

Amor com amor se paga
Já que outra paga não tem;
quem com amor não pagar
não diga que paga bem!

Amar por vício é paixão
e por dinheiro baixeza;
por engano é cobardia
mas por amor é nobreza.

³² Forma popular de ajoelho-me.

Se o cantar aliviasse
as penas do coração...
Eu tenho cantado tanto
e as penas não se me vão!

Triste tenha o coração
quem o meu entristeceu;
sempre chore, nunca cante,
saiba as penas que me deu.

Adeus, amor, que me vou,
adeus, amor, que eu amei;
adoro todos os sítios
onde contigo falei.

Amar e saber amar
são pontinhos delicados;
os que amam, são sem conta,
os que sabem, são contados.

Nesta cruel despedida,
diz-me o que hei-de fazer:
levar-te não é possível
deixar-te não pode ser.

Dei um nó que nunca dera
nem o eu chegara a dar;
agora que me arrependo
não o posso desatar.

Porque sou tola no amor
ris de mim a toda a hora,
mas deixa-me que te diga:
quem ri muito também chora.

Os cegos que nascem cegos
passam a vida a cantar;
e eu que nasci com vista
passei a vida a chorar.

Não te ponhas mal comigo
olha que te não convém;
sou arca de teus segredos
não nos digo a ninguém.

Cara linda é meio dote,
diz o rifão lisonjeiro;
alma linda, digo eu,
- inda é mais – é dote inteiro.

Ó meu amor, regala-te,
regala-te se puderes;
os meus males são as penas
enquanto tu não vieres.

Se cuidas que por ti morro
ou que por ti endoudeço...
Eu inda tenho meus fumos
em cuidar que outra mereço.

Eu amei quem nunca amou
nem tal intento tivera;
fui amar o rei das flores
o centro da Primavera.

Tenho no meu coração
duas feridas mortais;
o "surgião" diz que morro³³
a morte vós ma causais.

Pus-me a chorar as soidades
ao pé da verde açucena;
encostei-me e andei só
embaraços, maior pena.

³³ Por cirurgião.

Sejam benditas as fontes
que correm pelos caminhos,
que nos dão água e matam
a sede dos pobrezinhos.

Sou como a fonte clara
que não tem senão areia;
sou leal a meus afectos
o teu amor me falseia.

A minha pouca alegria
deu-me Deus por natureza;
não é por me a mim faltar
no meu coração tristeza.

Agora benvindo o tempo
de dares o prometido
a quem por amor de ti
a tudo está oferecido.

Eu já vi fonte sem água
mas sem toda inda não.
Já vi amores bem firmes
mas nunca da tua mão.

Ó meu amor, se te fores,
leva-me, podendo ser;
eu quero ter o meu fim
onde tu fores morrer.

Mal haja a dita perda
mais o tear que a teceu,
que me faz andar de luto
e mais ninguém me morreu.

Já me agora não enganam
teus carinhos liberais;
que eu bem sei, na minha ausência,
a quem queres muito mais.

Já fui amante dum anjo
agora dum serafim;
eu quero deixá-los ambos
saecla saeclorum, sem fim.³⁴

Tenho fome não de pão,
tenho sede não de vinho,
tenho fome dum abraço,
tenho sede dum beijinho.

³⁴ Pronúncia popular da expressão latina.

O meu amor disse à mãe
que me havia de deixar.
Soube-o, deixei-o eu,
vá-se ele agora gabar.

Ò estrela da manhã
demora-te mais meia hora;
deixa dormir meu amor
qu'inda se deitou agora!

Você, menina, matou-me,
dê-me agora a sepultura;
se ma não quer dar na terra
dê-me na sua cintura.

Olha-me por estas barbas
que m'as deu a Providência;
elas em por si requerem³⁵
respeito e obediência.

Minhas andadas de noite,
minhas idas ao serão,
tem-me dado muitas dores
causado muita paixão.

³⁵ Em por si – expressão popular equivalente a de per si ou por si mesmas.

Venho-te ver de tão longe
por estradas mun medonhas;
eu sempre a sonhar contigo
e tu comigo não sonhas.

Todos os dias que passo
sem ver a minha querida,
esses não entram na conta
dos dias da minha vida.

Tenho dentro do meu peito
duas escaleiras de vidro:
por uma sobem as penas
por outra desce o alívio.

Tristezas são violetas
alegrias malmequeres;
mun tristes são os poetas
mun alegres as mulheres.

Tenho jurado esquecer-te
quinhentas vezes seguras;
mas em te vendo não posso³⁶
recordar as minhas juras.

³⁶ Em te vendo equivale a ao ver-te.

Atiraste-me, atirei-te,
encontraram-se as pedrinhas,
mas nunca mais se encontraram
as tuas falas co'as minhas.

Quem diz que o verde é feio,
é certo que muito mente:
não há canteiro de flores
por onde o verde não entre.

O meu amor não é este,
é outro mais chibantinho,³⁷
porque o mandei vir do céu
nas asas dum passarinho.

Atirei o verde ao verde,
atirei o verde ao ar,
atirei o meu sentido,
onde não pude chegar.

Sou feliz e infeliz
olha, amor, as minhas queixas;
sou feliz se tu me amas,
infeliz, se tu me deixas.

³⁷ Significa fanfarrão.

Aqui me tendes, matai-me
se vos a morte mereço;
quando não, aliviiai-me
das penas em que padeço.

Tens aqui meu coração
mai-la chave de o abrir;
não tenho mais que te dar
nem tu mais que me pedir.

Chamaram-me bexigosa,
não importa são sinais;
nunca vi céu sem estrelas
nem altar sem castiçais.

Chamaram-me moreninha
de côr do alvarelhão;
sou moreninha do rosto,
alvinha do coração!

Ô meu amor não embarques
não te metas no navio:
olha que as ondas do mar
não são as do nosso rio!

Amar e saber amar
amar e saber a quem;
cada um ao seu amor,
não amar a mais ninguém.

Antes que teu pai me mate,
tu mãe me tire a vida,
minha palavra está dada
e a minha mão prometida.

Amo e não sou amado,
quero e não sou querido;
falo, ninguém me responde
decerto não sou ouvido.

Já minha bota me aperta
e a meia me faz calor;
meu coração arrebenta
se te não falar, amor.

Altas torres tem teu peito,
eu a todas tenho ido;
mas ainda não pude ir
à torre do teu sentido.

Aqui venho que me pagues
todo o meu tempo perdido.:
já não te falo nas solas
que por ti tenho rompido.

Tendes os dentes pequenos
como pedrinhas de sal;
daqui me estão parecendo
bocadinhos de cristal.

Toda a minha liberdade
ao meu amor entreguei;
dei-lhe a alma, dei-lhe a vida,
nada para mim deixei.

Toma lá que to dou eu,
não olhes ao fraco dado:
isto é só uma lembrança
do nosso tempo passado.

Tendes o pescoço alto
e os ombreiros iguais;
nem são curtos nem compridos
são como vós precisais.

De vermelho encarnado
vai o meu amor à missa;
fica-me à porta travessa
e mesmo ao correr da vista.

Tendes os dentes pequenos
como pedrinhas de sal;
daqui me estão parecendo
bocadinhos de cristal.

Quem diz que o amor custa
é de crer que nunca amou:
já amei e fui amada
nunca o amor me enfadou.

Eu subi ao altar-mor
a acender velas no trono;
bem tolo é quem se mata
por amor que já tem dono.

Tendes o pescoço alto
e os ombreiros iguais;
nem são curtos nem compridos
são como vós precisais.

Se te vejo chorar, choro,
ponho-me a chorar também;
nunca descansa na vida
quem firmes amores tem.

Eu, no tempo que te amei,
melhor estivera doente;
tempo tão mal empregado
e dado tão boamente.

Foste falar ao meu pai
á entrada do lameiro;
se qu'rias casar comigo
falaras-me a mim primeiro.

Eu assubi ao loureiro
corri-o de nó em nó;
tu falas pra quem tu queres
mas eu falo pra ti só.

No alto daquela serra
tem meu pai um lameirão
De dia rega-o a água
de noite o meu coração.

Hei-de amar a pedra dura,
deixar o teu coração;
a pedra dura não queima,
tu queimas-me sem razão.

O meu coração dá horas
o meu peito badaladas;
quando meu amor não vejo
trago as horas contadas.

Se te quero , tenho guerra,
Se te deixo, tenho dor;
mas antes quero ter guerra
que deixar-te, meu amor.

Já te pedi ao teu pai,
e pedi à tua mãe;
e agora peço-te a ti
mas não peço a mais ninguém.

O meu coração voando³⁸
aos teus braços foi cair;
sentiu as asas partidas;
de lá não pôde sair.

³⁸ O gerúndio é raríssimo em Barroso. Normalmente dizem a voar por voando.

Adeus, amor separado,
torna-me cedo a ver,
um dia desta semana
quando melhor te par'cer.

Amor com amor se paga,
porquê não pagar, amor?
Olha que Deus não perdoa,
a quem é mau pagador!

Subi ao céu pela corda
e descí pelo cambão;
fui pedir licença a Deus
para amar teu coração.

Adeus, adeus, meu amor,
até quarta ou quinta-feira;
não posso estar sem te ver
mais uma semana inteira.

Amores de ao pé da porta
sempre gostei de os ter;
inda que a boca não fale
os olhos gostam de ver.

Há um ninho de andorinha
na varanda do reitor;
faço que vou ver o ninho
e vou ver o meu amor.

Oh que linda luz está,
igual ao claro dia;
no teu peito orvalhava,
no meu coração chovia.

O meu coração voando
dentro do teu foi cair;
sentiu as asas quebradas,
não pôde de lá sair.

já te dei a melhor prenda
coisa que dar não podia;
Já te dei todo o amor
que no meu peito trazia.

Se ouvires tocar o sino,
não perguntes quem morreu;
o sino bateu as horas
quem morre por ti sou eu.

O meu amor não é este,
que o meu amor traz chapéu;
tem-no andar miudinho
como as estrelas do céu.

Se quando penso em ti
fossem caindo estrelas,
de tanto pensar em ti,
ficaria o céu sem eles.

Dá-me uma pinguinha de água,
não ma dês pela panela;
dá-ma pela tua boca
que eu não tenho nojo dela.

O setestrela caiu,
na queda fez-se em pedaços;
que fará meu coração
quando cair nos teus braços!

Se te disserem que morro
não tenhas pena, meu bem,
eu se morro é por ti,
não morro por mais ninguém.

Eu queria que chovesse
uma chuva miudinha
pra molhar a tua cama
e tu ficares na minha.

Não corteis a edra verde
que trepa pela janela
porque meu amorzinho
assobe e desce por ela.

As voltas que o linho leva
antes d'ir prá tecedeira;
eu inda dava mais voltas
pra ficar à tua beira.

Menina quando morrer
deixe-me ir no seu caixão;
quero ir agarradinho,
junto do seu coração.

Se eu tivesse a liberdade
que tem o pano de linho,
andava no teu pescoço
servindo de colarinho.

Lá no céu vai uma estrela
que leva as armas do rei;
não contes, amor, não contes
o que por ti já passei!

Pus-me a contar minhas mágoas
a Cristo no seu altar;
minhas penas eram tantas
que Cristo pôs-se a chorar.

Vem a noite, vem a noite,
vem a minha regalia;
para falar ao meu amor
que lhe não falei de dia.

Se as lágrimas fossem pedras
com as que tenho chorado
mandava fazer castelos
no meio do mar salgado!

Liberdade, ó liberdade,
quem na tem chama-lhe sua,
eu não tenho liberdade
de à noite sair à rua.

Minha estrelinha-do-norte,
agulha de marear;
eu com ela me governo
quando te quero falar.

Minha mãe mandou-me à fonte
com sapatos de papel;
eu quebrei a cantarinha
a brincar co' o Manuel.

Ando pra baixo e pra cima
como o ouro na balança;
enquanto não fores minha
meu coração não descansa.

Os setestrelas vão altos,
é perto da meia noite;
coitadinho de quem 'spera
pelo que está na mão d'outro.

Rio Beça, rio Beça,
rio de tanto penedo;
se não fosse o rio Beça
não tomava amores tão cedo.

Meu amor todo se mata
para que eu lhe dê um beijo;
aqui tens a minha cara
satisfaz o teu desejo.

Amor puro e verdadeiro
só em ti o consagrei;
hei-de amar-te até à morte,
por ti a vida darei.

O meu amor, vai e vem,
à vinda vem por aqui;
quero-te botar os olhos
e fazer que te não vi.

Meu amor fala baixinho
que as paredes tem ouvidos;
os segredos encobertos
foram sempre os mais sabidos.

Mal te vi a vez primeira
perdido de amor fiquei;
maldito seja o momento
em que te vi e te amei.

O meu amor é de longe
não vem cá todos os dias;
choro lágrimas de sangue
que me servem de sangrias.

Ó que rua tão escura
não vejo nada por ela;
põe-te a pé, ó meu amor,
alumia-me à janela.

Trago os pés ensaguentados
dos abrolhos do caminho;
que de passos tenho dado³⁹
pra lograr o teu carinho!

Ô meu amor vai e vem
à vinda vem por aqui;
se formos a juramento,
eu juro que te não vi.

Ô que semana tão grande,
o sábado inda maior;
quando virá o domingo
pra falar ao meu amor?

³⁹ Curiosa expressão poética e popular.

Tenho pena sobre pena⁴⁰
de que não posso voar;
A maior pena que tenho
é ver-te e não te falar.

Se eu tivesse não pedia
coisa nenhuma a ninguém;
mas, não tenho, peço
uma filha a quem na tem...

O meu coração palpita,
quando palpita me diz:
- contigo no cedo ou tarde
hei-de vir a ser feliz.

Ó meu amor quem te vira
trinta dias cada mês;
Cada semana, seu dia,
e cada hora, sua vez!

Quando comecei a amar
botei sortes à aventura;
quando me quis retirar
já o mal não tinha cura.

⁴⁰ Superlativo raro.

CANTIGAS DA SEGADA

A cantiga da segada
é cantiga mum alegre;
até a cantiga diz:
- Quem semeou que te segue!

Agora começo eu
já que vós não começais:
eu *stou boa da saúde,
vós da vossa como estais?

Siga a rusga, siga a rusga
siga a nossa reinação
já os pais eram da borga
os filhos da borga são.

Ô senhora cozinheira
o seu caldo cheira bem;
dê-nos uma malga dela,
por alma de quem lá tem.

Corta seitoirinha corta⁴¹,
corta o colmo do centeio
quem tem o amor bonito
ri-se de quem no tem feio.

⁴¹ Objecto com que se corta o centeio; dá-se o mesmo nome ao segador.

Eu venho da Terra Quente
da segada do centeio:
Se da fama não me livro
hei-de amar-te a rego cheio!

Não me mandeis à segada
que eu não sei segar a eito;
mandai-me só namorar
que eu pra isso tenho o jeito.

Vamos lá cima a Barroso
à segada do meu pai;
o vinho já vai na cesta
e o pão na cabaça vai.

Não me mandeis à segada
porque lá segar não sei;
mandai-me falar às moças
que eu jeitinho lhe darei.

Por cima sega-se o pão
por baixo, fica o restolho;
rapariga não te fintes
no rapaz que pisca o olho!

À entrada desta rua,
logo à porta primeira,
hei-de colher uma rosa
sem pôr a mão na roseira.

À entrada desta rua
e à saída desta terra,
prometeram-me uma rosa:
eu não vou daqui sem ela.

Para o rancho cantar bem
dai-lhe uma pinga de vinho
que o vinho é cousa santa
fá-lo cantar delgadinho.

À entrada desta rua
dei um ai que nunca dera;
recolheram-se as estrelas,
saiu-me o sol à janela.

À entrada desta rua
logo por ti perguntei;
não me deram novas tuas
com vergonha não chorei.

Tem-te lá água no monte
não me saias ao caminho;
não quero a fonte na eira
só se a fonte for de vinho!

Venha vinho, venha vinho
venha mais meia canada,
porque eu sem beber não canto
nem levo eito na segada.

Viva o nosso rancho todo
e viva de rego a rego;
viva quem te há-de lograr
ó minha folha de trevo.

Venha vinho, venha vinho
que eu água não vou beber;
a água tem sanguessugas
tenho medo de morrer.

Venha à janela, menina,
cara de letra redonda,
se quer ver o seu amor
a tocar bombo na ronda.

Tem-te lá água no monte
não me saias ao caminho;
não quero a fonte na eira
só se a fonte for de vinho!

Venha vinho, venha vinho
que eu água não vou beber;
a água tem sanguessugas
tenho medo de morrer.

Venha vinho, venha vinho
venha mais meia canada,
porque eu sem beber não canto
nem levo eito na segada.

Venha à janela, menina,
cara de letra redonda,
se quer ver o seu amor
a tocar bombo na ronda.

Viva o nosso rancho todo
e viva de rego a rego;
viva quem te há-de lograr
ó minha folha de trevo.

TÓPICAS

Se houver de tomar amores
em Covelo há-de ser:
ou no fundo ou no meio,
ou no cimo, a escolher.

Lugar de Vila da Ponte
és a minha perdição!
Trago o meu coração triste
com trabalhos que me dão!

Se tu visses o que eu vi
nas Alturas do Barroso:
sete frades em camisa
a cavalo dum raposo!

Se fores a Montalegre,
levarás o meu chapéu,
Montalegre não tem sombra
se não a quem vem do céu.

Adeus lugar do Cortiço
és bonito e tens que dar:
raparigas ao convento,
rapazes a militar.

Não sei que cidade é esta
onde anda tanta senhora;
bem hajam as de Friães
que trajam à lavradora.

Adeus ó Frades do Rio
tens duas pedras de assento;
uma é de namorar
outra de passá-lo tempo.⁴²

Adeus ó Vila da Ponte
aldeia duma só rua:
Cá no cimo nasce o sol
lá no fundo põe-se a lua!

Vamos lá para o Pisão⁴³
vamos ver o que lá vai:
A casa é de torrão
a telha à rua não cai!

As meninas de Viade
caem-lhe da boca os dentes,
de beberem água fria
e comer filhóses quentes.⁴⁴

⁴² Abrandamento usual entre consoantes líquidas r para l. O mesmo na página 102.

⁴³ Topónimo antigo. Hoje é Pisões.

⁴⁴ Plural popular de filhó.

A Senhora das Treburas⁴⁵
tem um rosário de vidro
que lho deu um marinheiro
que no mar se viu perdido.

Ó meu rico São Bentinho
Onde fizeste a morada:
no alto de Sexta Freita
numa pedrinha lavrada!

S. Bento da Porta Aberta
porque não a tens fechada?
Querias ver os passageiros
que passam pela estrada!

Ó Senhora das Treburas
vinde abaixo, dai-me a mão,
a ladeira é muito alta
abafo do coração.

Ó Senhor da Piedade
que morais além no Rolo:
“Vós soides o pai dos pobres,⁴⁶
general do mundo todo”.⁴⁷

*Variante: “A corrente sem relógio
sempre é feitio de tolo”*

⁴⁵ Trata-se de Nossa Senhora das Atribulações a que os munícipes dão este nome poético. Através dela maldizem os habitantes da vila.

⁴⁶ Forma popular da segunda pessoa do plural do presente do indicativo – sois.

⁴⁷ No sul do concelho usa-se mais a variante: “A corrente...”

Adeus ó terra de Lamas
és de ladeiras ao fundo;
quem lá vai tomar amores,
bem se despede do mundo.

Castelo de Montalegre,
quem te fez não era tolo
que te deixou as frestas
viradinhas para o povo.

Altas serras do Larouco,
quem tem torgos faz carvão:
por causa dum carvoeiro
trago negro o coração.

Boa terra era Salto
se não fora geadeiro;
vem-na geada leva tudo
não colhe nem um graeiro.

Alta serra do Larouco
onde coalha a neve dura:
quem é firme é desgraçado,
quem é falso tem ventura.

Adeus ó cima das Eiras,
encosto dos mandriões,
onde se rompem jaquetas,
saragoças e algodões.

Adeus, ó Cimo do Povo,
adeus, rua do Bocal,
onde mora o meu amor –
no mundo não há igual.

Adeus ó Vila da Ponte,
arrazada sejas tu
com abraços e beijinhos:
não te rogo mal nenhum!

Adeus, rua do Lodeiro,
ladrihada, mal segura;
sempre que passo por ela
não há pedra que não bula.

Adeus ó Vila da Ponte
ao longe pareces vila:
tens um cravo na entrada
rosa branca na saída.

As moças da Venda Nova
são bonitas, trajam bem;
andam de calcanhares rotos
e não avezãm vintém.

Adeus serra do Larouco
adonde a neve aparece;
gostava de te falar
sem que ninguém o soubesse.

Ó Senhor da Piedade
viradinho pra Donões:
Milagres não tos conheço,
bêbados é aos montões⁴⁸.

Alegrai-vos, albardeiros,
'té que venha palha nova;
para fazerdes casacas
aos moços da Venda Nova;

A Igreja do Covelo
'stá caiada até ao chão,
por causa das raparigas
é que os rapazes lá vão.

⁴⁸ Bonita cantiga de maldizer. O verbo no singular explica-se por significar – “bêbados, é uma desgraça! é uma quantidade!”

O meu amor é da vila
e mora atrás da cadeia;
mais vale um amor da vila
que vinte e cinco da aldeia.

Linda terra é Bustelo
para carquejas do monte;
mas raparigas bonitas
são as da Vila da Ponte.

Eu sei, meninas da vila,
quem por vosso rasto anda;
quem por vós arrasta a asa
como o galo faz à franga.

A lua vai por Barroso,
bota raios à Gáliza.
Diz-me cá, minha menina,
se quem ama paga sisa.

Os rapazes de Friães
estes que de agora são
quando vão pla rua abaixo
dão ao rabo como o cão.

Adeus, lugar de São Fins,
onde a água sobe e desce,
onde tenho o meu amor
sem querer que se soubesse.

Adeus lugar de Outeiro,
terra da minha paixão,
onde tenho e não nego
o amor do meu coração.

Esta noite, à meia noite,
ouvi dar um assobio;
eram moços de Friães
que foram dar banho ao rio.

Adeus, lugar de Parada,
hei-de-te mandar varrer
c'uma vassoura de prata
que de ouro não pode ser.

A lua vai amarela
há pouco teve maleitas;
as raparigas de Salto
são poucas mas são perfeitas.

Raparigas de Parada
dai-me todas um beijinho;
a vós não vos custa nada
e eu fico consoladinho.

Quando cheguei às Alturas
no cimo de tanto monte
virei-me para trás e disse:
Ei, viva a Vila da Ponte.

É meia noite em Bustelo,
aqui te venho cantar;
quem aqui vem de tão longe
por força te quer amar.

Santo António de Paredes
é santo mum interesseiro:
não faz milagre nenhum
sem uma oferta primeiro.

Nossa Senhora do Monte
acudi que bem podeis:
já fiz vinte e cinco anos
e vou fazer vinte e seis.

Hei-de cercar Zebral
com vara e meia de fita;
á porta do meu amor
hei-de pôr a mais bonita.

Chove, chove miudinho
lá prás bandas de Sertelo;
coitado do meu amor
que anda por lá em cabelo!

Abaixa-te, Castro Lesenho,
deixa passar o meu gado;
o pastor qu'anda com ele
tem-no cabelo dourado.

Lá no alto do Ourigo
está uma pedra vermelha,
onde s'os rapazes sentam
a penteá-la guedelha.

Lá no alto do Ourigo
já o mato abrotoa;⁴⁹
estes rapazes de agora
até no andar tem proa!

⁴⁹ Forma verbal proveniente de brotar ou broto, que significa rebento de planta ou arbusto. Com a protético, como alevantar ou assubir.

Adeus, adeus, Montalegre,
ao cimo tens um chorão;
e lá no galho mais alto
verdega o meu coração⁵⁰.

Adeus lugar de Morgade,
adeus fonte de água fria;
vale mais a mocidade
do que toda a freguesia.

Ò lugar de Padornelos,
bonito mas tens um erro:
os rapazes marranudos
e arrepiados do pêlo.

Adeus, adeus, Montalegre,
que tens ao fundo uma eira;
tens rapazes duma cana
e moças de cana e meia.

Adeus lugar de Meixedo
cercadinho de botões;
raparigas como rosas,
rapazes como pimpões.

⁵⁰ Ouve-se muito verdegar por verdejar.

Adeus Vilarinho Seco
não és vila nem aldeia:
és um povo pequenino
e feito à luz da candeia.

Adeus ó Vila da Ponte
onde corre o Regabão;
adeus ó meninas todas
que levo no coração.

A ladeira das Boticas
é custosa de assubir;
lá morreu o meu amor
não há quem me faça rir.

Almocreve de Tourém,
três com burro andam bem;
um pega, outro tem mão
e o outro olha se vai bem.

Raparigas de Cerdedo,
é pena andar ao carvão;⁵¹
usam socas muito altas
meia fina de algodão.

⁵¹ É corrente a aplicação deste infinitivo singular. Indeidamente.

S. Bertolomeu de Beça
escreveu ao de Cavês
que lhe mandasse dizer
os milagres que lá fez.

Eu venho de Caniçó
e vou para Bagulhão;
além fica Reboreda
e mais o meu coração.

Ó lugar de Vilarinho
não és vila nem cidade;
és um povo pequenino
muito da minha vontade.

Adeus, adeus, Montalegre
tens castelo e pelourinho;
eu já não falo pra ti,
com a vontade me fico.

Adeus, adeus, Montalegre,
adeus, largo do Tournal,
na igreja do castelo
estão as causas do meu mal.

Adeus ó lugar de Cervos
cercadinho de botões;
raparigas como rosas
e os rapazes pobretões.

Adeus, ó lugar de Cervos,
adeus, fonte de água fria;
vale mais a mocidade
do que toda a freguesia.

Também o lugar de Arcos
é bonito e tem que dar:
raparigas ao convento
rapazes a militar.

Se queres viver contente
não passes por Ladrugães;
fraca terra e fraca gente
esfolam gatos, matam cães.

Ao cimo de Castelões,
um buraco hei-de abrir,
para enterrar as soidades
que me não deixam dormir.

SANTOS DO PLANALTO

Fui à Senhora de Salto
numa pedra m'assentei;
c'ò sentido em meu amor
nem esmola à santa dei.

Moreno pintaram Cristo
E morena a Madalena;
é moreno a meu amor,
viva por isso a morena.

Santa da Vila de Abril
que dais ao vossos romeiros?
- Dou-lhes água duma fonte
e sombra de castanheiros!

Nossa Senhora do Monte⁵²
tem o vestido de lã:
é por mor do ar de neve
que vem lá de Lamachã.

Ò minha linda Senhora
dai-me água da vossa fonte
que eu já venho cansadinho
de subir ao vosso monte.

⁵² Sobre Nossa Senhora do Monte (a de Barroso) reunimos já muito material para uma futura monografia... Só quadras são mais de 70!

Ó Senhora das Treburas
vinde abaixo, daí-me a mão
que sou romeirinha nova
e abafo do coração.

Venho do Senhor São Bento
vou prà Senhora de Salto.
O que eu quero é dinheiro
raparigas não me falto⁵³.

Donde vindes S. João
que vindes tão molhadinho?
- Venho da tua horta
de mijar no cebolinho.

S. João adormeceu
nas escadinhas da igreja,
deram as bruxas com ele
roeram-lh'a a cabeleira.

Ó Senhora dos Remédios
vosso filho vai pedir;
vai pedir aos benfeitores
que lhe arranjem que cobrir.

⁵³ No uso de falto por faltam nota-se a influência do falar minhoto.

Ó Senhora das Treburas
na alta serra da Neve;
livrai-me Nossa Senhora
dos ladrões de Montalegre.

Da minha janela rezo
à Senhora das Candeias
que me guarde o meu bem
que anda por terras alheias.

Olha-me por estas barbas
que m'as deu a Providência;
elas em por si requerem
respeito e obediência.

Ai Jesus, valha-me Deus,
não sei que céu hei-de ter;
valha-me o céu dos teus olhos
que neles quero morrer.

Dou soluços, dou suspiros
e dou ais a toda a hora;
os beijos dá-os quem ama:
- Valha-me Nossa Senhora!

A Senhora dos Remédios
fez um milagre no monte:
um menino pediu água,
logo se abriu uma fonte.

Quem quiser adorar Deus
não diga que não tem tempo
pois pode andar no trabalho
e com Deus no pensamento.

Da minha janela rezo
à Senhora da Saúde
que me tire da lembrança
quem quis amar e não pude.

A miséria e a desgraça
não se desprezam, amor:
o pobrezinho que pede,
pode ser Nosso Senhor.

Santa Bárbara menina
tem a torrinha na mão:
está a pedir ao Senhor
que me livre do trovão⁵⁴.

⁵⁴ Incluído na recolha folclórica que leva o título - "O que foi a Roma".
É a Santa mais disseminada pelas igrejas e capelas de Barroso. (Só depois de 1970 N. S.
de Fátima, passou a ocupar o 1º lugar).

Seja pra sempre louvado
o Senhor das Agonias;
Quem morre morre pra sempre⁵⁵
e eu morro todos os dias.

Estou rouquinho do peito,
ó Senhor da Piedade;
por cantigas te diria
o que tenha na vontade.

Senhora de Livração
livrai o meu namorado;
livrai-mo Nossa Senhora,
dessa vida de soldado⁵⁶.

Nossa Senhora do Monte
valei-me que me podeis;
que o tabaco está mais caro
cada onça trinta reis.

Nossa Senhora do Monte
vós que dais a quem cá vem?
Dais graça a quem vo-la pede,
saúde a quem não na tem⁵⁷.

⁵⁵ Integrou também o trabalho de 1996 – “O que foi a Roma”.

⁵⁶ É uma ermíndinha particular do lugar de Ormeche. Por inexplicável estupidez foi há poucos anos recuperada. O sítio é lindíssimo; só pelo sítio e pelo panorama que de lá se vislumbra, merece a visita. Só por isso!

⁵⁷ Santuário humílimo mas com uma história inegalável. Vide nota da página 107.

Ó Senhora da Aparecida
viradinha pra Calvão
não lhe posso ver a cara
c'o ramo que tem na mão.

O Senhor da Piedade
está num alto, dá-lhe o vento;
os homens são para a guerra
e as mulheres pró convento.

Ó Senhora das Treburas
Vosso rosto vermeleja;
no vosso terreiro anda
quem na vossa cor deseja.

Ó Senhora da Saúde
ao redor de vós andei;
tantos anjos m'acompanham
como d'areias trilhei.

Ó Senhora das Treburas
cercadinha de queirogas;
cercai-me vós de venturas
que eu vos cercarei de rosas.

DE MALDIZER⁵⁸

Passei pela tua porta
espreitei pelo ferrolho;
deu comigo a tua mãe
espetou-me um pau no olho.

Quem ama duas a par
tem de ter grande talento,
para poder arranjar
tanta mentira a um tempo.

Os poses da tua cara
ou outra qualquer peçonha
fazem cara afidalgada
a quem tem pouca vergonha.

O pássaro da Maria
anda nas minhas cerejas;
come, passarinho, come:
vamos ver as que me deixas!

Minha mãe é boa mãe,
quando ela quer faz um bolo;
quando se zanga comigo
dá-me c'oa pá do forno!

⁵⁸ O 2º volume apresenta várias dezenas de Cantigas de Maldizer.

O pedreiro pica a pedra,
o marceneiro a madeira,
cada qual no seu ofício...
eu, por mim, sou lavadeira.

Eu, por mim, sou lavadeira
vou pró rio Regavão:
lavo saias de entremeios
também lavo o meu calção.

Também lavo o meu calção
lavo-o sempre bem lavado
porque gosto de agradar
ao meu rico namorado.

DO RIO

Ó rio como vais turvo,
como tu vais rumoroso,
se o rio fosse casado,
iria mais carinhoso.

Muita volta dá o rio
à volta da cachoeira,
muitas mais dá o amor
à volta de quem mo queira.

Ó rio, já foste rio
agora és um regato!
Quem namora às escondidas
nunca d'amores 'stá farto.

Nas pedras brancas do rio
meu nome mandei gravar,
com letras d'oiro miúdo;
"eu nasci para te amar."

Já o rio não tem água
só leva pedras e lodo;
eu não falo de ninguém,
de mim fala o mundo todo.

Ó rio que vais correndo
por entre grandes penedos,
guarda-me no teu correr
a chave dos meus segredos.

Vai-se o rio, fica o rio
mai-la areia descoberta;
vai-se um amor fica outro
nunca vi coisa mais certa.

Salgueiro d' ao pé do rio
vai andando que eu lá vou;
quero 'star à tua sombra
porque o luar s'acabou.

Fui ao rio caçar peixes⁵⁹
piquei-me no verde tojo;
estas mocinhas d' agora,
têm proa que mete nojo!

Todo o pássaro de pena
vai beber água no rio;
não há amizade alguma
que não tenha o seu desvio.

⁵⁹ Reminiscência das troviscadas e ramadas medievais; estes processos são com mais propriedade caçadas do que pescarias.

Ó rio, já foste rio,
rio de tanto penedo;
se não fosse o teu cantar
não tomava amor tão cedo.

Salsa na beira do rio,
alecrim na outra banda;
hei-de lograr os teus olhos
nem que seja por demanda.

Cai a chuva, o rio cresce
e já vai de monte a monte;
menina se quer passar
dos meus braços faça ponte.

Ó rio, ó lindo rio,
ó rio que tanto adoro,
se levas água de mais
são as lágrimas que eu choro.

Amores d'além do rio
não os quero nem de graça:
logo dão como desculpa
o rio que não se passa.

ÍNDICE

Comentário	V
Nota do Vereador da Cultura	VII

CANTIGAS	<i>Página</i>	<i>Quantidade</i>
Nomes	9	20
Maria	13	20
José	17	15
Antônio	21	15
Plantas	25	150
Cantigas De Amor	55	200
Cantigas Da Segada	95	20
Tópicas	99	70
Santos do Planalto	113	30
De Maldizer	119	5
De Namoro e Cantigas Soltas	121	27
Trovas Encadeadas	127	13
Do Rio	131	15
		total 600

DE NAMORO E CANTIGAS SOLTAS

À noite quando me deito,
digo mal da minha vida;
tenho cama, tenho roupa,
só me falta rapariga.

Abaixa-te, ó serra alta,
deixa passar o meu gado;
a pastora que o leva
tem-no cabelo dourado.

Eu passei à tua porta
nem o chapéu te tirei;
por causa do teu irmão
bem disfarçado passei.

Adeus, caminho da fonte,
já de mim não és seguido,
já fecharam as janelas
onde eu trazia o sentido.

Não me atires com pedrinhas
que eu sou o mesmo penedo;
tenho coração de bronze
às pedras não tenho medo.

Quem se encosta ao penedo
não está muito seguro;
que quando vem a tormenta
leva penedos e tudo.

Por amor de Deus te peço
uma camisinha velha
que nunca fosse vestida
nem metida na barreia.

Mal o haja a chita preta
e o tear que a teceu
que me faz andar de luto
e a mim ninguém me morreu.

Não há vida como a minha
se eu a souber levar:
de dia vou com a rês,
à noite vou-me deitar.

Adeus, minha terra, adeus,
tens um tanque de água fria:
vale mais a mocidade
que a renda da freguesia!

Sois água não matais sedes,
sois pimenta e não queimais;
sois uma, pintais-vos outra
quando comigo falais.

Atirei c'uma pedrinha
à menina da janela
a pedrinha caiu dentro
a menina quem ma dera.

Vai o sol para a portela
chorar as penas que tem;
também choro as minhas penas
onde as não ouça ninguém.

Eu já fui a água clara
por minhas mãos a turvei;
ninguém diga neste mundo:
desta água não beberei.

Dizeis-me qu'arruda amarga...
quem vo-la deu a beber?
E os segredos do meu peito
quem vo-los deu a saber?

Hei-de fazer um relógio
se a ciência me ajudar
para contar os minutos
que vivo sem te falar.

O amor como o dinheiro
não pode andar encoberto;
o dinheiro é chocalheiro
e o amor é desinquieta.

Alumeia-me a candeia
não me deixes às escuras,
que eu sou de fora da terra
não conheço bem as ruas.

Inda sou quem era dantes
inda sigo os mesmos passos
as pedras da minha rua
para mim fazem-se laços.

Tenho cinco reis de meu
e vou comprar uma figa,
para dar às chocalheiras
que lh'importa a minha vida?

Adeus, adeus ó Barroso,
carreirinho de formigas,
onde os rapazes se perdem
por causa das raparigas.

O melro preto é vadio
vai cantar aonde quer
é como o rapaz solteiro
enquanto não tem mulher.

Tenho corrido mil terras
mil terras tenho corrido,
muito cão me tem ladrado
mas nenhum me tem mordido.

Na rua do meu amor
não se pode namorar;
de dia, velhas à porta,
de noite cães a ladrar.

Eu sou como o gavião
que no ar faço parada;
quando desço até ao chão
não me alevanto sem nada.

Avante, vamos avante
caminho da nossa aldeia:
mostremos nossos bordados
e a nossa fininha meia.

Se eu tivesse a minha mãe
como vós tendes a vossa
trouxera coifa de seda
e no cabelo uma rosa.

TROVAS ENCADEADAS

Eu venho d'além do rio
de regar o feijoad;
inda trago uma folhinha
na prega do avental.

Na prega do avental
ai, prima, que eu vou prá guerra!
e se eu for e tu ficares,
fecha-me a tua janela!

Fecha-me a tua janela
e abre-me aquele postigo;
minha mãe botou-me à rua,
deixa-me ir dormir contigo.

Deixa-me ir dormir contigo
uma noite não é nada;
eu entro de noite escura,
saio pela madrugada.

Não entras de noite escura
nem sais pela madrugada;
eu sou rapariga nova
não quero ser difamada.

Não quero ser difamada
não quero ser isso não...
estou como a rosa branca
enquanto estava em botão.

A rola nova queixou-se
que lhe roubaram o ninho;
não no fizeras ó rola,
tanto à beira do caminho.

Tanto à beira do caminho
tanto à borda do valado;
a rola nova queixou-se:
roubaram-lhe o namorado.

Amores d'além do rio
são caros, custam dinheiro;
cada vez que vou e venho
dou um tostão ao barqueiro.

Dou um tostão ao barqueiro,
trinta reis ao passador;
cada vez que vou e venho
à terra do meu amor.



0014961



**Biblioteca
Municipal
Montalegre**

Cancioneiro Popular de Barroso